

COOPERAÇÃO NO ENSINO PRÁTICO DA DISCIPLINA DE DOENÇAS INFECCIOSAS

Fernando Maltez

Director do Serviço de Doenças infecciosas do Hospital de Curry Cabral

Tel: 217924280

e-mail: fmaltez@hccabral.min-saude.pt

Com a melhoria das condições sanitárias nos países industrializados, com a implementação dos programas de imunização e com a introdução dos antibióticos, houve quem pensasse, nos anos sessenta do século passado, que as doenças infecciosas iam acabar. Estavam profundamente errados, já que, não só não acabaram, como se tornaram das mais importantes e prevalentes a nível global. Com as vacinações obrigatórias preveniram-se algumas, com as terapêuticas eliminaram-se outras, mas verifica-se que o microorganismo ganha sempre através da resistência que cria ao agente anti-infeccioso, fenómeno que é agravado pela prescrição inadequada de antibióticos e que constitui hoje um dos mais preocupantes problemas de saúde pública. O desenvolvimento de novos meios de diagnóstico e de tratamento, os internamentos prolongados e o aumento de longevidade dos doentes, facilitaram por seu lado a ocorrência de mais infecções hospitalares, que são responsáveis por elevados custos, por grande morbidade e por grande mortalidade. Também a prescrição mais alargada de terapêuticas imunossupressoras, favoreceu a maior frequência de infecções oportunistas e a identificação de agentes menos comuns e pensemos por exemplo, no grande desafio clínico que é hoje, o controlo da infecção em transplantados. Concomitantemente, foi-se assistindo ao aparecimento de novos agentes infecciosos (mais de cinquenta nos últimos trinta anos) e ao reconhecimento de que afinal, muitas entidades clínicas podiam ter etiologia infecciosa. Foi o que aconteceu com a úlcera gástrica (*H. pylori*), com o carcinoma do colo do útero (HPV), com o linfoma (virus Epstein-Barr), com a Doença de Castleman e o sarcoma de Kaposi (HHV- 8) ou com a doença de Whipple (*T. whipplei*) e certamente, que muitas outras se descobrirão ainda. Abriu-se entretanto um novo capítulo da patologia infecciosa, o das infecções emergentes como a Sida, a SARS ou a gripe das aves, responsáveis por pandemias ou epidemias graves, ao mesmo tempo que patologias de grande prevalência global adquiriram apresentações novas, como aconteceu com a tuberculose multirresistente e a tuberculose extensivamente resistente. Os meios de comunicação rápidos permitiram a eclosão a qualquer momento e em qualquer país, de doenças que habitualmente estão circunscritas a determinadas zonas do globo e o exemplo mais recente foi o da pandemia pelo vírus influenza A (H1N1). As estatísticas da OMS mostram que não há vitória final sobre as infecções e algumas evidenciam-se por incidências preocupantes. Só a tuberculose, a Sida e a malária causam anualmente mais de 12 milhões de óbitos. É de lembrar também, que a patologia infecciosa ao ultrapassar o hospital ou o domicílio e dada a contagiosidade de algumas doenças, pode ter graves repercussões na população. São prova disso os surtos de cólera ou de meningite. Refira-se finalmente, a possibilidade da utilização em qualquer momento de armas ou agentes biológicos de fácil transmissão e contágio, que poderão ter efeitos epidémicos devastadores.

Dum total estimado em 58.8 milhões de mortes anuais em todo o Mundo, admite-se que aproximadamente 15 milhões (25.5%) sejam devidas a doenças infecciosas.

As doenças infecciosas têm características próprias que as distinguem de outras doenças médicas. Entre outras, são imprevisíveis, de início abrupto e com potencial para um impacto global explosivo. Na ausência de tratamento, ou matam ou o doente recupera espontaneamente, frequentemente com protecção para a reinfeção. Resultam dum único agente, não necessitando de outros co-factores para se manifestarem. São transmissíveis. Têm potencial para serem prevenidas e para serem erradicadas.

Estas razões parecem ser mais do que suficientes, para fazerem das doenças infecciosas uma disciplina importante, que deverá envolver profissionais bem preparados na epidemiologia, na patogenia, na clínica e no tratamento da infecção. O médico precisa de conhecer bem as doenças existentes e de estar preparado para o aparecimento de novas patologias infecciosas.

Pelos mesmos motivos, parece-nos que o ensino desta especialidade assume particular importância.

O Hospital de Curry Cabral foi inaugurado em 1906, com o objectivo de dotar Lisboa de um local para a recuperação de doentes tuberculosos, ficando a cidade a dispôr desde então, dum grande hospital com pavilhões-enfermarias, que serviriam também para o isolamento de outros doentes infecciosos. A sua classificação de hospital especializado durou até 1978, data em que a chegada de outras especialidades, motivou a sua reclassificação em Hospital geral. Ao longo dos anos desempenhou um papel de relevo na luta contra estas doenças, como por exemplo nas epidemias de cólera e de difteria ou mais recentemente no combate à Sida e à tuberculose. Curiosamente, só quase cem anos depois, em Março de 2004, nasceria o primeiro e actual Serviço de Doenças infecciosas do hospital, que é o herdeiro desse passado histórico e que se tem desenvolvido e procurado adaptar à evolução das doenças infecciosas a nível global. Nas suas múltiplas funções, tem particular preocupação e carinho pela formação pré e pós-graduada e foi por isso com grande satisfação, que aceitou em 2007, o convite da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e do Exmo. Sr. Professor Doutor Francisco Antunes para participar no ensino prático desta disciplina. Ensinar é uma actividade que requer gosto, tempo e dedicação, devendo mobilizar formadores interessados, capazes de partilharem conhecimentos, mas também de atraírem os alunos para a especialidade. Esta ligação que muito nos honra com a nossa Faculdade e que para nós se tem revelado altamente enriquecedora, dá-nos a oportunidade de ensinar uma disciplina apaixonante, num local com profundas tradições nesta área médica.